

O PARA-MIM [FOR-ME-NESS] COMO CARACTERÍSTICA UNIVERSAL DA EXPERIÊNCIA CONSCIENTE

César Fernando Meurer¹

Resenha de:

ZAHAVI, D.; KRIEGEL, U. For-me-ness: what it is and what it is not. In: DAHLSTROM, D.; ELPIDOROU, A.; HOPP, W. (Eds.) *Philosophy of mind and phenomenology: conceptual and empirical approaches*. London: Routledge, 2015. P. 34-53.

As primeiras linhas do texto de Zahavi e Kriegel (2015) são excelentes para situar o tema e a tese central:

Compare as suas experiências de perceber uma maçã e de lembrar de uma banana. Sob um aspecto, são experiências muito diferentes. Elas diferem tanto no que diz respeito ao objeto ou conteúdo [maçã; banana] quanto no que diz respeito ao ato ou atitude [perceber; lembrar]. Sob outro aspecto, no entanto, essas duas experiências têm em comum algo fundamental: em ambos os casos, é *para você* que a experiência é como é. Plausivelmente, para cada experiência que nós temos, podemos dizer: seja como for para mim ter essa experiência, é *para-mim* que a experiência é o que é [...] (Zahavi e Kriegel, 2015, p. 36 – acrescentei as informações entre colchetes).²

Para Zahavi e Kriegel, esse “para-mim” [for-me-ness] é uma característica universal e essencial da experiência. Em síntese, o entendimento é este: é um aspecto invariável da experiência, portanto *universal*, e é um aspecto fundamental da experiência, logo *essencial*. Ao invés de recapitular a argumentação em favor dessa proposta – algo que já foi feito extensamente em trabalhos anteriores (Cf. Kriegel, 2003 e 2009; Zahavi, 2000, 2005, 2011, 2014) –, eles direcionam o foco para três conjuntos de objeções: aquelas baseadas em introspecção, as oriundas da psicopatologia e as objeções de teor explanatório. Mais adiante, apresentarei essas objeções e as respectivas defesas. Antes, duas esclarecimentos introdutórias.

O “para-mim” pode receber uma interpretação deflacionária: a experiência ocorre *em* alguém, e nada mais. “Nessa visão, o para-mim [for-me-ness] é um aspecto

¹ Doutor em Filosofia. Pesquisador do Social-Brains Research Group/Unisinos (São Leopoldo, RS) e professor na Universidade La Salle (Canoas, RS). Contato: <cfmeurer@yahoo.com.br>

² Esta e todas as demais citações diretas são tradução minha (tradução livre).

não-experiencial da vida mental – um mero fato metafísico, por assim dizer, e não um fato fenomenológico” (Zahavi e Kriegel, 2015, p. 36). Ao meu modo de pensar, a tradição da *embodied cognition* pode ser incluída nessa visão.

Alternativamente, o “para-mim” pode ser interpretado de modo não-deflacionário: trata-se de um aspecto experiencial da vida mental. “Nessa visão, dizer que uma experiência é *para-mim* é dizer algo além de *ela é em-mim* [como sugere a interpretação deflacionária mencionada no parágrafo anterior]. É declarar não apenas um fato metafísico, mas também um fato fenomenológico” (p. 36 – colchete meu).³

A interpretação não-deflacionária, essa que afirma um fato fenomenológico, pode ser formulada em termos universais ou em termos existenciais. No primeiro caso, se diz que o “para-mim” fenomênico (/experiencial) é um aspecto *universal* da experiência consciente. Com outras palavras, o “para-mim” *sempre* é uma dimensão experiencial; não há estados conscientes sem essa dimensão. A formulação mais fraca, por sua vez, é aquela que admite um “para-mim” fenomenal ou experiencial em alguns estados conscientes. Com outras palavras, *alguns* estados conscientes envolvem um “para-mim” como constituinte experiencial.

Zahavi e Kriegel, já ficou claro no início da resenha, defendem a versão forte da interpretação não-deflacionária. Com efeito, para os autores, o “para-mim” é uma característica universal e essencial da experiência. Vejamos, então, as objeções e as respostas.

1. Duas objeções baseadas em introspecção

(2) Não há qualquer vestígio introspectivo de um “para-mim” experiencial.

Essa objeção, que ecoa uma passagem bem conhecida de Hume (Cf. *Treatise*, livro I, parte IV, seção VI), é frequente na literatura contemporânea. Bayne, por exemplo, questiona: “Por que haveria de ter um traço fenomênico exclusivo da minha própria experiência? Mesmo se houvesse algo assim, qual evidência se poderia ter de sua existência?” (Bayne, 2010, p. 286). Prinz, para citar outro exemplo, defende uma leitura eliminativista de Hume, segundo a qual “não podemos salvar o *eu* fenomênico

³ Sob um prisma ligeiramente diferente, Bermúdez (2011, p. 162 e ss.) apresenta uma série de considerações sobre essas concepções, que ele chama ‘deflacionária’ e ‘inflacionária’.

igualando-o com os qualia que correspondem a algo que tal *eu* esteja experienciando” (Prinz, 2012, p. 124).

Em resposta a essa objeção, Zahavi e Kriegel ponderam: “a existência de um ‘para-mim’ experiencial não requer que haja um eu destacável, passível de introspecção isolada de qualquer outro conteúdo da consciência” (p. 38). O “para-mim” não é, em primeira instância, *algo* que é experienciado, mas *como* algo é experienciado. Por conta disso, no entendimento dos autores, a defesa de um “para-mim” universal não é inconsistente com as observações de Hume. “O ‘mim’ do para-mim não é um item separado e distinto, mas sim uma característica que permeia a vida experiencial enquanto tal” (p. 38). Interpreto que Zahavi e Kriegel estão, nesse ponto, defendendo que o “para-mim” é um elemento da estrutura da experiência, por assim dizer.

(2) A existência de um “para-mim” experiencial é refutada pela transparência da experiência.

A tese da transparência da experiência pode ser formulada assim: “sempre que tentamos atentar introspectivamente à nossa experiência consciente, não podemos deixar de tomar consciência do que ela aponta no mundo” (p. 40). Com outras palavras, a consciência fenomênica não nos apresenta aspectos dela mesma. Pelo contrário, ela estritamente apresenta o mundo. A seguinte passagem de Harman ilustra esse entendimento:

Quando Eloise vê uma árvore diante dela, as cores que ela experiencia são todas experienciadas como características da árvore e do entorno. Nenhuma delas é experienciada como uma característica intrínseca da sua experiência. [...] Quando você vê uma árvore, você não experiencia nada que seja uma característica intrínseca da sua experiência. Olhe para a árvore e procure dirigir sua atenção para características intrínsecas da sua experiência visual. Eu prevejo que as únicas características para as quais você pode dirigir a sua atenção serão as características da árvore (Harman, 1990, p. 39).

Em resposta, Zahavi e Kriegel chamam a atenção para experiências emocionais: “estar com raiva de *x* e estar indignado com *x* diferem não apenas nas características que atribuem a *x*. No fundo, a consciência fenomênica não apenas representa, mas também

apresenta algo (a alguém)” (p. 40). Para os autores, esse *apresentar* é um indicativo do “para-mim” experiencial.⁴

2. Duas objeções da psicopatologia

As objeções da psicopatologia suportam a interpretação não-deflacionária enfraquecida, já mencionada acima: “estados conscientes podem, ocasionalmente, ser caracterizados por um ‘para-mim’ experiencial, mas essa característica não é essencial e tampouco necessária” (p. 42). Vejamos.

(1) Pessoas com esquizofrenia eventualmente têm experiências “anônimas”.

Na literatura, essas experiências são frequentemente referidas pela expressão “thought-insertion”. Com efeito, esquizofrênicos reportam a ocorrência de pensamentos que são sentidos como se pertencessem a outrem e tivessem sido inseridos na mente por uma força ou agente externo (daí a expressão “thought insertion”). Por introspecção, o indivíduo como que encontra pensamentos conscientes que não considera seus. Para Metzinger, casos como esse confirmam que “essa qualidade fenomênica ‘para-mim’ de modo algum é uma condição *necessária* para a experiência consciente” (Metzinger, 2003, p. 334).⁵

Na resposta a essa objeção, Zahavi e Kriegel recorrem à distinção entre propriedade [ownership] e autoria [authorship] de pensamentos: embora não experiencie autoria, o esquizofrênico experiencia propriedade. Os pensamentos alheios estão aí, “dentro do próprio fluxo de consciência, fluxo esse que o indivíduo considera seu” (p. 43).

Essa defesa já está na literatura. Campbell, por exemplo, aponta que “em certo sentido, o pensamento inserido na mente do sujeito é, de fato, dele [...] Ele (o sujeito) tem certo conhecimento direto dele (desse pensamento)” (Campbell, 1999, p. 610). Quer dizer, o indivíduo está ciente de que é ele que está experienciando tais pensamentos, e não alguém outro. Na mesma linha, Gallagher faz notar que o relato do

⁴ Para uma discussão mais detalhada da compatibilidade do “para-mim” com a transparência da experiência, conferir Kriegel, 2009, capítulo 5.

⁵ O Capítulo 7 de “Being no one” (Metzinger, 2003) traz uma discussão longa e empiricamente bem documentada desse ponto.

esquizofrênico perderia completamente seu sentido sem tal senso de propriedade [ownership]:

O esquizofrênico deve dar uma resposta positiva à uma pergunta que ele pode com razão considerar sem sentido: Você tem certeza que é *você* que está experienciando esses pensamentos? Afinal de contas, essa é exatamente a sua queixa. *Ele* está experienciando pensamentos que parecem ter sido gerados por outrem (Gallagher, 2000, p. 231).

Na esteira de Gallagher, Zahavi e Kriegel consideram que “o que está faltando a esses pacientes não é o “para-mim”, mas um senso de agência” (Zahavi e Kriegel, 2015, p. 43).⁶

(2) Certas patologias dissociam acesso introspectivo e senso de propriedade.

Essa objeção encontra apoio no caso de um rapaz de 23 anos, identificado pelas iniciais DP, que teria experienciado “visão dupla” [double visions]. Zahn, Talazko e Ebert (2008, p. 398) reportam que “ele [DP] era capaz de ver tudo normalmente, mas não reconhecia imediatamente que ele próprio era o sujeito que enxergava”. Para dar-se conta de que ele próprio estava percebendo, era necessária uma inferência. Antes desse passo inferencial, assim se crê, não havia qualquer indício de senso de propriedade ou autoria das percepções. O caso é particularmente instigante, pois DP foi submetido a toda sorte de exames neurológicos e psicopatológicos e nada foi encontrado. O acordo final, por assim dizer, é que tal condição foi causada por hipometabolismo em certas áreas do cérebro associadas à visão (Zahn, Talazko e Ebert, 2008).

Lane interpreta esse caso em favor da posição não-deflacionária enfraquecida: “estados mentais podem ser conscientes, mesmo quando não são tomados como pertencentes a mim. Consciência fenomênica não implica autoconsciência; ela não é carimbada com um ‘meu’; e o ‘para-mim’ não desempenha um papel determinante na sua constituição” (Lane, 2012, p. 281). Zahavi e Kriegel discordam integralmente dessa afirmação de Lane. Para eles, o ponto chave é, novamente, que as visões de DP são fundamentalmente dele: “elas estão disponíveis de uma modo diferenciado para o sujeito no qual elas ocorrem” (p. 45). O elemento subjetivo, por assim dizer, não está ausente:

⁶ Bayne (2010, p. 156-162) revisou evidências em torno dessa questão e concluiu que os relatos dos pacientes são ambíguos.

Independente do quão alienado o paciente se sente da experiência, esta não se manifesta inteiramente no domínio público. Ela segue sendo fenomenicamente do paciente de uma maneira tal que é, em princípio, inacessível a outros. [...] continua correto dizer que a experiência patológica retém o “para-mim” (Zahavi e Kriegel, 2015, p. 45).

3. Duas objeções de teor explanatório

Estas duas objeções estão interconectadas. Por isso, ao invés de respondê-las separadamente, Zahavi e Kriegel articulam uma defesa em bloco.

(1) A noção experiencial “para-mim” é vazia; nada explica.

(2) A noção experiencial “para-mim” é dispensável; há outras explicações melhores para os fenômenos que ela explica.

Como é de se esperar, Zahavi e Kriegel negam que o “para-mim” é vago ou dispensável. Seu primeiro movimento, nesse terreno, consiste em rejeitar o entendimento segundo o qual “crer na existência de um ‘para-mim’ experiencial é racional ou garantida *apenas se* pudermos demonstrar a potência explanatória e a indispensabilidade dessa noção” (p. 45). Eis o raciocínio:

[Uma acusação] de vacuidade e dispensabilidade pressupõe uma descrição daquilo que precisa ser explicado. Antes de poder acessar o potencial explanatório de algo, precisamos ter uma noção do fenômeno a ser explicado. Presumivelmente, isso significa que *algum* fenômeno teria que ser aceito como real, independente do potencial explanatório dele (Zahavi e Kriegel, 2015, p. 45).

Nessa linha, dispensar o “para-mim” (a segunda objeção) “requer que se mostre não apenas que essa noção é inútil ou desnecessária para *explicar* um fenômeno, mas também que ela é inútil ou desnecessária para *descrever* tal fenômeno” (p. 45). Para os autores, não é possível descrever a estrutura da consciência fenomênica sem citar o “para-mim” ou algum de seus cognatos (mineness, myness, my-ness, mental ownership, ipseity, self...).

4. Conclusões

Zahavi e Kriegel oferecem uma seção conclusiva em forma de tópicos, organizados em três conjuntos: (1) O que o “para-mim” *é*; (2) O que o “para-mim” *não é*; (3) Com quais teses a noção experiencial “para-mim” *é* compatível. Sublinho alguns desses tópicos.

Conforme os autores, a noção experiencial “para-mim” *é* uma dimensão invariável de caráter fenomênico; *é* da ordem do *como* algo *é* experienciado; *é* algo que segue presente em patologias tais como “thought-insertion”; *é* a unidade mínima da autoconsciência; *é* a base categorial da nossa capacidade de pensar em primeira pessoa.

A noção experiencial “para-mim” *não é* um elemento destacável da experiência; não necessariamente envolve a capacidade de pensar sobre si; não depende do senso de autoria ou propriedade que certas patologias comprometem.

Finalmente, a noção experiencial “para-mim” *é* compatível com a tradição humeana; com outras abordagens do self; com a tese da transparência da experiência.

Meu balanço aponta o seguinte: Zahavi e Kriegel defendem o “para-mim” [for-me-ness] como o elemento básico, invariável e fundamental da consciência fenomênica. O texto aqui resenhado mostra que essa ideia, ainda que controversa, *é* defensável. Esquemáticamente, então, a consciência fenomênica tem um elemento fundamental, que não varia, e pelo menos dois elementos variáveis, a saber, atitudes e conteúdos (considere, uma vez mais, a citação do início da resenha). Sob esse prisma, o “para-mim” *é* o *elemento-base* – condição de possibilidade, por assim dizer – da consciência. Trata-se, sem dúvida, de uma proposta audaciosa para o avanço das pesquisas nessa área.

Referências

- BAYNE, T. *The unity of consciousness*. New York: Oxford University Press, 2010.
- BERMUDEZ, J. L. Bodily awareness and self-consciousness. In: GALLAGHER, S. (Ed.) *The Oxford handbook of the self*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 157-179.
- CAMPBELL, J. Schizophrenia, the space of reasons and thinking as a motor process. *The Monist*, v. 82, n. 4, p. 609-625, 1999.
- GALLAGHER, S. Self-reference and schizophrenia: a cognitive model of immunity to error through misidentification. In: ZAHAVI, D. (Ed.) *Exploring the self: philosophical and psychopathological perspectives on self-experience*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 203-240.

- HARMAN, G. The intrinsic quality of experience. In: TOMBERLIN, J. (Ed.) *Philosophical perspectives 4*. Atascadero: Ridgeview Publishing Company, 1990. p. 31-52.
- HUME, D. *A treatise of human nature*. London: John Noon, 1739.
- KRIEGEL, U. Consciousness as intransitive self-consciousness: two views and an argument. *Canadian Journal of Philosophy*, v. 33, n.1, p. 103-132, 2003.
- KRIEGEL, U. *Subjective consciousness: a self-representational theory*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- LANE, T. Toward an explanatory framework for mental ownership. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 11, n. 2, p. 251-286, 2012.
- METZINGER, T. *Being no one*. Cambridge, MA: MIT Press, 2003.
- PRINZ, J. Waiting for the self. In: LIU, J.; PERRY, J. (Eds.) *Consciousness and the self*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 123-149.
- ZAHAVI, D. Self and consciousness. In: ZAHAVI, D. (Ed.) *Exploring the self*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 55-74.
- ZAHAVI, D. *Subjectivity and selfhood: investigating the first-person perspective*. Cambridge, MA: MIT Press, 2005.
- ZAHAVI, D. The experiential self: objections and clarifications. In: SIDERITS, M.; THOMPSON, E.; ZAHAVI, D. (Eds.) *Self, no self? Perspectives from analytical, phenomenological, and Indian traditions*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 56-78.
- ZAHAVI, D. *Self and other: exploring subjectivity, empathy, and shame*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- ZAHN, R., TALAZKO, J.; EBERT, D. Loss of the sense of self-ownership for perceptions of objects in a case of right inferior temporal, parieto-occipital and precentral hypometabolism. *Psychopathology*, v. 41, n. 6, p. 397-402, 2008.